

O SOFRIMENTO DO ADOLESCENTE NO CONTEXTO UNIVERSITÁRIO AOS OLHOS DA PSICANALISE – UMA ANALISE DA ATUALIDADE

Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão do Curso de especialização em Fundamentos da Psicanálise, orientado pelo professor
Ismael Pereira.

Righetto, Talissa Tonelli¹

RESUMO – O trabalho pretende entender o sofrimento do adolescente no contexto Universitário por meio de leituras psicanalíticas. Percorrendo autores como Freud e Nasio, além de artigos de autores contemporâneos, a fim de evidenciar o que é adolescência, o sofrimento vivenciado nessa época e em paralelo o papel da Universidade no contexto atual. Para isso Visitando conceitos como Complexo de Édipo, Castração e funções dos pais, lança a hipótese central que pretende compreender a falência da Castração Paterna como resultante do cenário atual, enfatizando a influencia do capitalismo e as leis sociais como explicação para o sofrimento do adolescente e jovem adulto inserido no contexto Universitário.

PALAVRAS CHAVE – Adolescência, Sofrimento, Universidade.

INTRODUÇÃO

Há algumas décadas tem se estudado o sofrimento psíquico no contexto universitário como tentativa de entender essa demanda específica e muito recorrente. Os primeiros estudos publicados sobre o tema partiram de lugares como Europa e Estados Unidos, o que condizia com o fato das Universidades já estarem, desde o século XX, consolidadas nessas regiões. No Brasil, apenas em meados do século XX e com a expansão das Universidades, o tema surge como interesse de pesquisa. (CAIXETA; ALMEIDA, 2013).

O crescimento no número de pacientes que buscam auxílio nos hospitais escolas que disponibilizam atendimento psiquiátrico e psicológico no país tem sido documentado ao longo dos anos, a fim de oferecer às Universidades informações sobre o perfil dos usuários desses serviços. Muitas são as contingencias encontrada, porém, algumas merecem destaque, tal como crescente número de ingressantes na Universidade, a competição por médias elevadas, a cobrança pela produção acadêmica, a própria falta de preparação para o ingresso no meio

¹ Psicóloga, Pós - Graduada de Fundamentos teóricos em Psicanálise, Centro Universitário de Lavras. E-mail: talissa.tr@hotmail.com.

acadêmico, como também a adaptação do contexto, além da ausência ou superproteção dos pais (SILVEIRA, BRANDÃO, NORTON, et al., 2011).

Segundo SILVEIRA, BRANDÃO, NORTON, et al. (2013), a entrada na Universidade marca a fase de transição para a vida adulta. Portanto é nesse momento que a maioria dos jovens estabelece suas primeiras perspectivas sobre o futuro, a carreira e a estabilidade financeira. Combinado a isso, fora do contexto universitário, o jovem passa por questões do desenvolvimento, autonomização, separação da família de origem, formação de novos vínculos afetivos, além de formação de nova família.

No Brasil, as diretrizes que regem o sistema Universitário, baseiam-se em três premissas básicas que devem caminhar juntas no intuito de obter o resultado esperado tanto da Universidade como do saber por ela produzido, que são pesquisa, ensino e extensão. Dessa forma, o objetivo seria produzir conhecimentos viáveis, buscando resolver problemas reais e pertinentes, e posteriormente aplicar por meio da extensão esses conhecimentos á comunidade. Lógica essa que não se aproxima da produção existente na maioria das Universidades brasileiras, salvo em grandes centros (ARAUJO, 2012).

A Universidade como espelho da sociedade revela uma lógica capitalista, onde prevalece a produção pela produção, a produção como meio de lucro ou a produção como possibilidade de ascensão acadêmica, nenhuma delas se atendo ao desejo do indivíduo de atuação no meio social. Porém seria devido a isso que o jovem sofre? (ARAUJO, 2012).

Evidenciando o contexto Universitário, nota-se um momento muito específico vivenciado pelos jovens, onde o sujeito é chamado a se colocar como tal. Deixa de ser um reprodutor dos desejos de seus pais, passando viver como condutor de sua própria vida através de seus desejos. (ARAUJO, 2012).

Porém a relação com os pais vai dizer muito de como o adolescente se sairá no período que marca a preparação para vida adulta. Isso porque se a relação com eles é pautada em uma falência na castração, o adolescente terá grandes dificuldades de encarar leis e limites na vida adulta. (NASIO,2010)

A internalização da castração simbólica se dá na infância, durante a vivência o complexo de Édipo, e é anterior ao período de latência. Ela consiste inserção de uma lei que impossibilita o ato incestuoso, por meio de uma negativa paterna responsável por gerar o medo da castração. O resultante disso é o afastamento da

criança de seu primeiro objeto de desejo, marcando o início do período de latência, para uma posterior aposta em um novo objeto. Quando o pai não se coloca como lei, impedindo os desejos incestuosos do filho, a relação mãe fálica – filho falso continua a existir, e o sujeito não emerge (EMIDIO; HASHIMOTO. 2012).

A mãe, nessa relação, coloca o filho na condição de Outro, na posição de objeto de desejo, capaz de suprir a falta, o vazio, e designa à criança uma existência subjetiva, que ainda não existia, mas que acabará por pertencer à ela pelo fato de ser suposta anteriormente. Essa experiência sentida como completude, por mãe e filho, promove alienação do sujeito e deve ser interrompida pelo pai, afim de que a separação com a mãe marque a vida desse sujeito com o primeiro sentimento de falta. (SILVA,1997).

Quando o jovem chega à universidade evidenciando a falência dessa castração, a Universidade é chamada a fazer barreira para esse jovem, apresentando à ele, a vida como faltosa. Tenta então estabelecer com o adolescente limites que deveriam ter sido impostos junto aos pais. No entanto, seria função da Universidade castrar, e tomar para si a responsabilidade de construir com o jovem e jovem adulto nesse declínio do Édipo? Relfetir sobre a falência da Universidade como lei poderia ser um caminho para entender o sofrimento do jovem universitário dentro desse contexto?

Dessa forma o objetivo da pesquisa está em evidenciar o sofrimento do Jovem na Universidade. Relacionando o momento da graduação e o sofrimento vivenciado nesse período, ao fato do jovem ser chamado a se colocar como sujeito da falta e suas resistências para tal, como uma defesa para ao mal-estar decorrente da impossibilidade da Universidade fazer suplência à função paterna .

O estudo se justifica, pois tanto nas pesquisas visitadas, como no consultório clínico como profissional atuante, fica evidente a demanda de adolescentes e jovens adultos pela análise ou amparo psicológico e psiquiátrico nesse momento específico da vida. A demanda do adolescente na clínica é vinculada ao excesso de atividades e produção na faculdade, onde o paciente deposita a responsabilidade do mal estar vivenciado na própria Universidade. A queixa que parece já responder o dilema do sofrimento, tampona questões mais profundas como a falência do pai e a inscrição como sujeito de falta e desejante na vida adulta.

A pesquisa se realizará por meio de revisão bibliográfica baseada em autores como Freud e Nasio, além de estudos contemporâneos através de artigos

acadêmicos encontrados em sites como Scielo e Google acadêmico, no intuito de articular conceitos como Desejo do Sujeito, Produção e Universidade.

1. A adolescência: Entre o Individualismo e a Subjetividade

A origem da palavra adolescência pode ser localizada no verbo *adolescere*, do latim, que significa crescer em direção à maturidade. Esse crescimento é entendido como desenvolvimento inevitável, e implica transformações sociais, biológicas e psicológicas (BERTOL E SOUZA, 2010, p.226).

A adolescência é o período que vai do final da infância ao limiar da maturidade. É uma fase delicada e criativa onde a criança está caminhando com dificuldade para a vida adulta. Na sociologia a adolescência corresponde à transição da dependência infantil para emancipação do Jovem adulto. Biologicamente, a puberdade coincide com a maturação dos órgãos genitais, além das evidentes mudanças corporais, tanto no corpo feminino como no masculino. O menino tem as primeiras ereções e a menina se depara com a menstruação, o que revela um corpo maduro e sexuado. (NASIO, 2010).

No entanto para entender a adolescência é necessário estudá-la a partir de sua relação com o individualismo enquanto uma característica do sujeito na sociedade contemporânea, pois cada sociedade vai definir o que se espera do jovem nesse período da vida. Nas sociedades ocidentais modernas o individualismo é um dos pilares para na construção da autonomia e valorização do indivíduo inserido na cultura. E nessa fase de alienação e separação, muito parecida com a vivida na infância, o jovem faz suas identificações e revela suas alteridades (BERTOL E SOUZA, 2010).

O individualismo surge na sociedade a partir do momento em que as explicações religiosas e metafísicas perdem o seu poder de engendrar subjetividades. Isso implica que se até então, tudo o que se referia ao humano, devia ser relacionado a Deus, agora é o próprio homem que assume o lugar central em seu próprio existir. Em decorrência desse processo, pode-se destacar um duplo movimento: ao mesmo tempo em que o individualismo torna-se sinônimo de igualdade e liberdade, o indivíduo a partir daí passa a priorizar sua satisfação pessoal, onde suas vontades prevalecem sobre o Estado e a sociedade (BERTOL E SOUZA, 2010).

A ascensão do indivíduo nessa sociedade depende da capacidade do mesmo de ser guiado pela sua própria razão. Nesse sentido, a ideia de sujeito fica implícita. Sujeito esse determinado por seus desejos e não pelo meio e a sociedade (BERTOL E SOUZA, 2010).

Nasio (2010), na Obra: “Como agir com um adolescente difícil” considera a adolescência como um momento conflituoso, de experiências novas em contato com o desconhecido, e de encontro com o próprio desejo, o que facilitaria essa entrada no individualismo racional da sociedade contemporânea, como uma forma de satisfação substitutiva para lidar com o desprazer de muitas dessas vivências.

Ao perder a segurança da relação com os pais, o adolescente precisa se adaptar a um ambiente muito mais faltoso que o anterior, recebendo negativas a todo tempo, e lidando com frustrações. Em contrapartida, se depara com a satisfação no encontro com o outro do sexo oposto, além da possibilidade de fazer vínculos de sua escolha, optar por atividades que encontra sentido como festas, esportes, e vivencia o sentimento de pertencer através do meio do social que sente encaixado.

O adolescente vivencia uma desordem, sente-se sufocado pela família buscando a liberdade e quando é frustrado busca apoio nela, surge nesse momento no interior do adolescente a capacidade de concentrar-se em problemas abstratos e subjetivos, é apresentado ao amor e suas mazelas, e o seu corpo se torna capaz de procriar (NASIO, 2010).

Freud ao evidenciar a sexualidade infantil reservou pouco espaço em sua obra para a adolescência, dizendo que a adolescência é marcada pelo declínio do Édipo² com uma nova aposta na escolha do objeto. Nos “Três ensaios sobre a sexualidade” o autor coloca o final da infância e o início da adolescência como o período em que o sujeito experienciar seus primeiros contatos genitais, fazendo seus primeiros reinvestimentos pulsionais direcionados ao objeto sexual. Porém vive um duelo interno, relacionado com o período anterior de latência onde a pulsão

² O complexo de Édipo é a representação inconsciente pela qual se exprime o desejo sexual ou amoroso da criança pelo genitor do sexo oposto e sua hostilidade para com o genitor do mesmo sexo. Essa representação pode inverter-se e exprimir o amor pelo genitor do mesmo sexo e o ódio pelo do sexo oposto. Chama-se Édipo à primeira representação, Édipo invertido à segunda, e Édipo completo à mescla das duas. O **complexo de Édipo aparece entre os 3 e os 5 anos. Seu declínio marca a entrada num período** chamado de latência, e sua resolução após a puberdade concretiza-se num novo tipo de escolha de objeto (ROUDNESCO E PLON, 1997)

sexual era autoerótica, ou seja, não estava direcionada ao objeto sexual enquanto totalidade, mas sim ao próprio sujeito, ou às partes desse objeto, principalmente a boca, o ânus e o primado dos genitais. (FREUD, 1905)

Freud, ao longo de sua obra, não nomeou a adolescência se dirigia a ela como puberdade, que ocorre após o período de latência, e que apareceria como o segundo momento da sexualidade. O momento em que o sujeito ressignifica a sexualidade infantil, como também os seus objetos primordiais, organizando suas pulsões e direcionando seus desejos a um objeto sexual. A sexualidade incrementada pela pulsão obriga o sujeito a destituir-se dos pais, pela proibição do incesto. A cronologia não pode ser parâmetro para as manifestações pulsionais, mas sim a relação do sujeito com o outro que determinará os objetos sexuais e as configurações subjetivas (BERTOL, SOUZA, 2010).

A tensão sexual nesse período é evidente, as zonas erógenas responsáveis pela excitação do sujeito, são colocadas à prova. O olho, por exemplo, é citado por Freud como uma zona excitada logo no despertar da puberdade, que revela o desejo, mas que pela impossibilidade do encontro genital nesse primeiro momento, gera também desprazer. As zonas erógenas vão recebendo excitações, até que o desejo seja direcionado a genitalidade, que por vezes também será faltosa. (FREUD, 1905\196).

A maturação e o encontro genital, que ocorre na puberdade, serão responsáveis por descargas pulsionais parciais, onde parte da tensão será recalçada para que a próxima descarga aconteça. Essa tensão que resta será responsável por posteriores reinvestimentos ao longo da vida, e através do processo de deslocamentos se evidenciarão as neuroses. A falta é sentida pela pulsão não direcionada, inerente ao sujeito para que ele possa emergir como tal (FREUD, 1905\196).

A tensão que permanece, está ligada infância mais remota, onde o bebê separa-se do seio da mãe, e percebe que o objeto que lhe oferecia satisfação não lhe pertence. Tal separação na infância é essencial para a criança se inscrever como sujeito na linguagem, e revelará que o encontro com o objeto desejo na puberdade, é na verdade é um reencontro, uma tentativa de reviver a completude com o objeto primordial. Tentativa, pois sempre será vivida de forma parcial. O sujeito buscará ao longo da vida restaurar tal felicidade perdida (FREUD, 1905\196).

Na adolescência o sujeito reconhece que precisa do outro para existir, para a sua satisfação e mesmo para que esse outro seja negado por ele, considerando só aquilo que lhe é próprio. Como consequência desse processo ambivalente de negação e aceitação é que o sujeito se constrói. Contudo, essa fase é repleta de sofrimento gerado por todos os aspectos inconscientes pulsantes nesse período, que não permite ao adolescente dizer o que sente. E as possibilidades de manifestar aquilo que não se sabe, serão diversas. (NASIO, 2010)

2. O sofrimento Psíquico na adolescência e o Complexo de Édipo

Os sentimentos experienciados nesse período podem ser moderados, naturais da fase, ou sintomáticos. O adolescente sente o luto da perda da infância, e é cobrado a amar o outro e a si mesmo de uma forma diferente. Nesse sentido, desde o período de latência até o encontro com a genitalidade, o adolescente passa por diversas experiências, no entanto a mais importante é a percepção da sua própria impossibilidade de satisfação, seja autoerótica em um primeiro momento, seja no encontro com o outro (NASIO, 2010).

“O luto é um tempo, o tempo necessário para aceitar conviver com essa ausência definitiva daquele que amamos e que acabamos de perder”. (NASIO, 2010, p.50)

Nesse momento da vida o adolescente, segundo Nasio (2010), se sente desamparado e por isso tende a afastar ou rechaçar toda ordem ou palavra que vem do adulto e que revelam sua fraqueza, inferioridade e dependência. O medo inconsciente revela agressividade contra os pais, o adolescente também não suporta ser objeto de realização e prazer para esses pais, insiste sempre na separação com mesmos.

A necessidade de separação em relação aos pais, acontece no momento em que o jovem deixa de investir pulsão no objeto e passa a investir em si mesmo, na busca de um ego ideal. O narcisismo, nesse período, permite que o adolescente compreenda as dimensões do seu corpo físico, sentindo experiências internas e externas de formas prazerosas e desprazerosas. Ao mesmo tempo, que os pais são impedidos de invadir, as margens do corpo erótico vão se formando, para que dessa forma em um momento a seguir o sujeito consiga reinvestir seu desejo, que

anteriormente era direcionado ao objeto primordial para um objeto sexual (FREUD, 1914).

O desinvestimento pulsional das figuras parentais está ligado ao temor da castração. Tanto na menina como no menino o falo nessa altura da vida é representado pelo próprio eu, e o adolescente que desinveste as figuras parentais também teme ser desinvestido pelos pais, restando-lhe refugiar-se em seu próprio narcisismo. Nessa fase em que se sente fragilizado, afasta tudo que possa contrapor o amor que ele tem sobre si mesmo, exagerado, tenso e desconfiado (NASIO, 2010).

Na infância, a castração é simbolizada no menino pelo medo de perder o seu lugar de objeto de desejo da mãe. Medo esse direcionado ao pai, onde, logo ao introjetar a diferença sexual, o menino fantasia que a mãe foi castrada por ele. A impossibilidade de apostar em seu objeto de desejo representado pela mãe, e por esse terrível medo de perder o seu bem mais precioso, há um afastamento, responsável pelo período de latência que se estende até a adolescência.

Quando na menina, o que acontece é um processo de desprezo duradouro pelo sexo oposto. Na constatação da diferença sexual e a sua impossibilidade de receber do pai aquilo que lhe falta, ela se afasta. Ambos buscarão no contato genital posterior reinvestir essa libido por hora recalcado. (FREUD, 1905)

A suposição de uma genitália idêntica (masculina) em todos dos os seres humanos é a primeira das notáveis e momentosas teorias sexuais infantis. Tem pouca serventia para criança que a ciência biológica dê razão a seu preconceito e tenha de reconhecer o clitóris feminino como um autêntico substituto do pênis. Já a garotinha não incorre em semelhantes recusas ao avistar os genitais do menino, com sua conformação diferente. Está pronta a reconhecê-lo de imediato e é tomada pela inveja do pênis, que culmina em um desejo de ser também um menino, tão importantes em suas conseqüências (FREUD, 1095, p.184).

No momento posterior ao declínio do Édipo, o menino adolescente dessexualiza os pais, recalcando – parcialmente - a angustia sentida pelo medo de perder o falo. Opta por proteger a si mesmo, e abandonar a mãe. Surge nele nesse momento uma nova instancia psíquica, o supereu. Essa instancia é constituída a partir do abandono dos pais como objetos sexuais, havendo um reinvestimento neles como objetos de identificação. A necessidade de preservá-los enquanto objeto de amor, alude diretamente à necessidade de ser como eles. O sujeito incorpora a

moral dos pais, e isso conduz ao aparecimento de sentimentos como pudor, senso de intimidade, vergonha e delicadeza moral. Também é nesse período que a identidade sexual começa a se estabelecer (NASIO, 2005).

Na menina, o processo de dessexualização dos pais se prolonga, ao perceber a diferença sexual, ela sente-se enganada pela mãe, que segundo sua fantasia a fez acreditar que ela era detentora do falo. A menina entende que aquela mãe ofereceu à ela um falo que ela não possui, e se isola. Em um segundo momento, vai buscar essa mãe em um processo de consolação, ao mesmo tempo em que ao desejar o pai, recebe uma negativa da restauração do seu narcisismo ferido, volta para a mãe como aquela que tem uma resposta para essa negativa. A menina deixa o Édipo para proteger a imagem de si mesma, estabelecendo seu supereu nessa identificação com a mãe. Ou seja, o menino deixa o Édipo para proteger seu narcisismo, a menina entra no Édipo para que o pai cure seu narcisismo ferido. (NASIO, 2005)

Na adolescência as fantasias edipianas ressurgem, e a castração é novamente posta a prova como aquela que barra, impede, dita, e faz margem ao exagero do supereu adolescente, tem a função de uma perturbação momentânea, necessária para a maturação até que as pulsões se organizem e sejam direcionadas ao objeto sexual, de modo que o desejo apareça no real. (NASIO 2005)

A adolescência surge como uma ocasião para o sujeito se haver com a rede social que está inserido, buscando apoio nos amigos, grupos da mesma idade e que compartilham as mesmas ideias e para fazer-se pertencer desse meio deve-se constituir uma identidade definida, marcada pela conclusão do processo de amadurecimento. As transgressões anteriores a esse fechamento são necessárias para que o adolescente se torne autônomo. Rechaçar os pais e depois se identificar com eles, alienando-se e separando-se, é preciso para que a maturação aconteça e o sujeito se torne faltoso, desprendendo-se dos pais sem os deixar, se inscrevendo na vida adulta. (BERTOL E SOUZA,2010)

Portanto, já encontramos implícitas na concepção do individualismo embasado pela constituição e realização de um indivíduo autônomo – que supera o lugar que lhe está destinado socialmente através da quebra de tradições – a necessidade da transgressão e da rebeldia. o pesquisarmos os sentidos dessas palavras, vamos descobrir que a transgressão, além do sentido de quebrar e burlar normas, é definida também como o ato de ir além, de ultrapassar os

limites, e que a palavra rebeldia significa oposição, insurgir-se, e também a qualidade daquele que é obstinado. Assim, pode-se dizer que a transgressão e a rebeldia são características necessárias a qualquer sujeito que, formado nos princípios do individualismo, busca a realização do ideal de autonomia (BERTOL E SOUZA, 2010, p.835).

Isso revela que tanto o seu mundo interno como o externo estão em constante ameaça nesse período, pois sua estrutura ainda é frágil e está em processo de construção, gradual e de muitas apostas (BERTOL E SOUZA, 2010).

Para Bertol e Souza (2010), a autonomia é a forma de apreender o mundo, além de controlar e dominar o meio. É a forma de exercitar a razão subjetiva e independente. O sujeito autônomo cria suas leis, e em paralelo decide quais dessas leis serão cumpridas, agindo como legislador e súdito, demonstrando sua capacidade de exercer sua liberdade individual, que se consolidou a partir de sua própria vontade.

Para que a autonomia seja alcançada, os pais são responsáveis por ocupar esse lugar paradoxal perante o adolescente, e a presença deles nesse momento é indispensável. Através dos pais, o adolescente realizará o processo de separação, que será vivenciado gradativamente. A ambivalência do lugar que ocupam de autoridade e afeto, é necessária para a formação do sujeito, para ele sinta a necessidade de se separar, se torne diferente dos pais, mas que carregue em seu âmago a história de seus objetos primordiais, mesmo no seu individualismo autônomo (DANTAS, 2002).

3. A adolescência no contexto atual e a Universidade

A modernidade contribuiu para que o sujeito deixasse de carregar em si marcas de seus antepassados, como se aquilo que ficou para trás não fizesse elo com aquilo que está no presente. Uma ruptura brutal, que desencadeou uma desordem, onde as relações monetaristas são responsáveis por ditar as regras do meio social. Nesse sentido, os pais não estariam mais aptos à castrar, visto que o jovem, e jovem adulto, passam a ser regidos pelo conjunto de normas sociais. Normas essas, que o jovem está certamente mais adaptado do que os próprios pais, que não receberam a mesma educação. É um conflito para os pais, conseguir se fazer lei, onde há uma lei maior e aparentemente mais eficiente (DUNKER,2014).

Atualmente a cultura supervaloriza a adolescência. Ao mesmo tempo em que há uma ascensão da adolescência, há também um rechaçamento da velhice. Desse

modo os pais se aproximam dos filhos a fim de prolongar sua própria juventude, impedindo a ruptura entre eles, além disso revivem seu próprio narcisismo, se aproximando dos filhos a partir do seu próprio eu adolescente. Fica então evidente a falha no processo de castração. Tornando-se amigos de seus filhos que tudo podem, os pais abrem mão de suas funções. Função que estaria nesse momento, em suportar o período de enfrentamento do adolescente, sem deixar de se fazer autoridade (VORCARO E FERREIRA, 2014).

O que se vê nos dias atuais é um desatar dos pais com suas funções, onde os mesmos “fazem um” com seu filho, evitando todo e qualquer tipo de frustração. Isso porque o adolescente apresenta inúmeras reações adversas às ordens e demandas vindas deles. Os pais desistem de realizar suas funções e entendem que não são mais ouvidos, acabam se calando perante ao filho antes que ele possa se separar deles. Os pais estão no papel do outro, que deveria fornecer as margens para o adolescente delimitar seu ego, porém devido ao desatar de suas funções não é capaz de barrar. (DANTAS, 2002).

A língua falada, escrita, visual e até mesmo o silêncio, são percebidos como margem no encontro com outro durante adolescência. Essas margens vêm primeiramente dos pais, mas ao longo da vida serão vivenciadas nos encontros com colegas, professores e comunidade, marcam o encontro do sujeito com a falta, a incompletude e impossibilidade de satisfação. Quando o eu do adolescente percebe o outro como faltante, mesmo que não tome para si essa percepção de modo consciente, acaba por encontrar-se com sua própria impossibilidade de completude, e devido a isso iniciará a vida adulta como um neurótico saudável, reinvestindo suas pulsões (DANTAS, 2002).

Quando falta o outro que faz margem, o adolescente sente-se sozinho e desamparado, e tende lutar desesperadamente para conseguir a atenção daqueles que o deixaram. Esse movimento gera inúmeras dificuldades, podendo influenciar nos exercícios de escolhas ao longo da vida (DANTAS, 2002).

No entanto é importante dizer que as transgressões são próprias da adolescência, e a função dos pais está em sustentar com muita paciência, sem deixar de impor suas verdades e ordenar. Isso porque o adolescente vai se apropriar de algumas delas e deixar outras para trás, e esse processo defini-se como maturação e constituição de um eu faltante inserido em seu meio (DANTAS,2002).

A palavra transgressão define-se como ato de quebrar e burlar normas, porém também significa “ir além”, ultrapassar limites, e a palavra rebeldia está ligada à se fazer oposição e ambas características dadas aqueles sujeitos que são obstinados. Dessa forma, para Bertol e Souza (2010) transgredir e se rebelar são atos necessários para qualquer sujeito inserido no individualismo e que busca o ideal da autonomia.

Quando os pais se abstêm de suas funções, ao mesmo tempo que o adolescente também destitui os pais do lugar de lei, existem outras entidades que podem servir como barreira nesse momento de conflito e transgressões. Surge então a possibilidade de castrar aquele que ainda não se fez ser de falta por não perceber a falta no outro. Tais entidades como a lei penal, a lei moral, a escola, a Universidade, vão apresentar a falta ao sujeito. Quando essas entidades falham ou não são simbolizadas como lei, refletem no desenvolvimento do sujeito (ARAUJO, 2012).

A entrada na Universidade condiz com o período de transição entre a adolescência e a idade adulta, onde o sujeito tendo que se haver com a separação dos pais, é chamado a desejar por si. Com a falência da castração, a Universidade se apresenta para o sujeito como aquela que reproduz a falta, pois é um espelho da sociedade, e reflete suas contradições. Os agentes da instituição reproduzem vícios, preconceitos e estereótipos do meio externo, tal como a lógica capitalista. Estão também submetidos às normas sociais (ARAUJO, 2012).

A Universidade reproduz o capitalismo em sua produção, que é fechada, não possibilitando uma real transformação da sociedade. Onde a tecnologia e conhecimento produzidos são direcionados apenas a quem possa comprar ou contratar o profissional que sairá dali capacitado. A mão de obra qualificada também reproduz o capitalismo, onde o conhecimento é repassado a fim de satisfazer a demanda do mercado, e pouco espaço existe para que o sujeito deseje. (ARAUJO, 2012)

No desamparo do adolescente e diante da cobrança da universidade pela produção, ele se depara com o fato de ter sido destituído como objeto de desejo dos seus pais, entende que ele agora é protagonista de sua própria história, porém que depende do outro para viver. Essa nova percepção do mundo e do outro possibilita a experiência simbólica de castração. Ele passa a se preocupar com o que o outro espera dele, reinvestindo suas pulsões na produção, com excessivo medo de

desapontar. Esse outro, sendo a Universidade que agora o cobra e o meio social em que está inserido, não substituem os pais, não são capazes “legislar”, mas apresentam a falta ao sujeito, e isso o limita (CAIXETA E ALMEIDA, 2013).

Desse modo a Universidade não consegue suprir a falência dos pais, porque está submersa também a lógica do capital e da supervalorização do adolescente. No entanto, um conjunto de fatores, a saída do seio familiar, o encontro com o outro faltoso e as cobranças da Universidade, possibilitam o adolescente simbolizar a castração. Processo esse gradativo e sintomático, tal como o adolescente rechaça aquilo que vem dos pais, para posteriormente retornar as suas raízes, o mesmo faz com a Universidade. A negação nos processos de fuga, excessos de bebidas, drogas, medicação, crises de ansiedade, fazem parte desse processo. Mesmo que a queixa esteja direcionada ao excesso de produção, o momento da simbolização dessa lei gera sofrimento e angustia no jovem adulto (CAIXETA E ALMEIDA, 2013).

Todo o processo desde o período de latência até a organização das pulsões direcionadas ao objeto de desejo, que vai da puberdade à inscrição da vida adulta são por si só tidos como momentos de sofrer. Sofrimento esse inerente do ser humano no encontro com a falta. A Universidade permeia toda essa etapa da vida do sujeito, taponando o sofrimento da experiência da simbolização da castração, com a culpa direcionada ao excesso de produção (CAIXETA E ALMEIDA, 2013).

CONCLUSÃO

As questões que permeiam o sofrimento do adolescente inserido na Universidade são atuais, é uma preocupação promover a saúde mental nesse período tão conflituoso para o sujeito. No entanto, a Universidade que aparece como responsável de um modo causal por esse sofrimento, na realidade, atua como um agente que contribui para que o sujeito simbolize a castração quando há uma falência dos pais (SILVEIRA, BRANDÃO, NORTON, et al., 2011).

A cobrança da produção, que segue a lógica do capitalismo e do ideal de individualismo, aparece como queixa relacionada ao sofrimento nesse período da vida, encobrendo a dificuldade de simbolizar a castração, ou mesmo vivencia-la nesse momento da vida. A simbolização da castração causa o sofrimento na adolescência, pois evidencia o encontro com a falta (ARAUJO, 2012).

Os pais inseridos no contexto atual, onde há uma supervalorização da adolescência e juventude, tal como seus filhos, se veem submetidos a um conjunto de normas sociais, ditadas pelo capitalismo. A falência da lei paterna, impede que o adolescente percorra de forma natural seu processo de maturação, e sinta o incomodo da possibilidade de castração. A transgressão então é usada como forma de encontrar aquilo que lhe dê essa possibilidade, na esperança que um outro insira essa lei (DUNKER,2014).

A adolescência é um período de tensão, e mesmo quando experienciada de forma que a possibilidade de castração tenha sido simbolizada, será um período de separação e construção do eu. Construção essa que precisa do encontro com a falta no outro, seja no seio familiar, ou pelos diversos outros, inclusive a Universidade (NASIO 2005).

O encontro com o outro ou os outros que apresentam para o sujeito a falta, lhe causam sofrimento, simbolizam a destituição do lugar de objeto de desejo dos pais que ainda preservava, pois o adolescente é chamado a desejar como sujeito e não mais como pertencente ao desejo de seus pais (NASIO 2005).

Sendo assim, a Universidade é incapaz de legislar como os pais, porém tal como qualquer outro é faltoso, permite uma percepção do mundo real sem a superproteção oferecida por eles. O adolescente que sofre, seja de maneira natural, seja de maneira sintomática, é chamado a viver esse período de sofrimento para uma maturação posterior.

Nasio (2010) em sua obra *Como agir com um adolescente difícil?*, explica detalhadamente a adolescência na leitura psicanalítica. A obra se tornou indispensável para entender as diversas facetas que acarretam o sofrimento no adolescente.

Visto que a adolescência é enaltecida nos dias atuais, e a falência dos pais mais recorrente no cenário capitalista, o presente artigo tem o intuito de esclarecer a demanda de sofrimento do adolescente nas clínicas de análise e no contexto acadêmico, servindo como base para estudos mais aprofundados.

Conclui-se que a simbolização da castração no período da adolescência naturalmente se dá de maneira sofrida. A Universidade recebe o jovem inserido em um contexto de falência dos pais, e as cobranças quanto à produção simbolizam a própria falta da universidade, que segue a lógica capitalista. Apesar do sofrimento

sentido nesse encontro com a cobrança da Universidade, ele possibilita a simbolização da castração, que causa sofrimento ao adolescente.

Nesse sentido, o consultório clínico se apresenta como auxílio nesse processo doloroso de emergência do sujeito. O análise atua dando suporte para que o adolescente e jovem adulto simbolizem a castração e os pais como faltosos, mesmo sem a presença deles no real. O processo de transferência possibilita as projeções necessárias para essa simbolização.

A partir dessa pesquisa pode-se pensar a necessidade de olhar para o período de latência como um período decisivo para a inscrição do sujeito na vida adulta. Dessa forma evidenciando a necessidade de ampliar questões que expliquem Como a Universidade deve atuar nesse cenário, além de entender como a falta que ela apresenta para o sujeito deve ser por ambos vivenciadas para menor sofrimento dos sujeitos envolvidos nessa relação. O estudo possui limitações visto que não se fez como uma pesquisa de campo, o que possibilitaria ouvir jovens e membros da Universidade, mas sim como uma pesquisa bibliográfica baseada em estudos anteriores sobre o tema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAUJO, G. A. Ensaio sobre a universidade e sua função social. **Filosofando: revista de filosofia da UESB**. Ano 1, número 1, julho-dezembro de 2012; issn: 2317-3785. Disponível em < <http://periodicos2.uesb.br/index.php/filosofando>>. Acesso em 15/04/2019.

BERTOL, C.E; SOUZA, M. Transgressões e Adolescência: Individualismo, Autonomia e Representações Identitárias. **Psicologia ciência e profissão**, 2010, 30 (4), 824-839. Disponível em < http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1414-98932010000400012&script=sci_abstract&lng=pt>. Acesso em 15/04/2019.

CAIXETA, S.P.; ALMEIDA, S.F.C. Sofrimento psíquico em estudante universitário. **Educare**, Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Curitiba. 2013. Disponível em < http://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7352_4882.pdfhttp://educere.bruc.com.br/CD2013/pdf/7352_4882.pdf>. Acesso em 02/05/2019.

DANTAS, N.M. Adolescência e psicanálise - Uma possibilidade teórica. **Universidade Católica de Pernambuco**. 2002. Recife – PE. Disponível em <<http://tede2.unicap.br:8080/bitstream/tede/182/1/Nara%20Dantas.pdf>>. Acesso em 01/05/2019

DUNKER, C. I. L. Tudo o que é sólido desmancha no ar? A liquidez da modernidade como patologia social. In: VOLTOLINI. **Escuta**. 2014.

EMIDIO T.S., HASHIMOTO F. Reflexões sobre a função paterna e suas configurações no mundo contemporâneo. Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?, **Anais V CIPSI - Congresso internacional de psicologia**. ISSN 1679-558x. Universidade Estadual de Maringá. Disponível em <<http://eventos.uem.br/index.php/cipsi/2012>>. Acesso em 15/04/2019.

FREUD, Sigmund. Sobre o narcisismo: uma introdução, 1914. A história do movimento psicanalítico. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 75-109.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. 1905. Rio de Janeiro: **Imago**, 1996. p. 163-195.

NASIO, J.D., Como agir com um adolescente difícil. **Zahar**. Rio de Janeiro, RJ. 2011.

NASIO, J.D., Édipo – O complexo do qual nenhuma criança escapa. **Zahar**. Rio de Janeiro, RJ. 2007.

ROUDINESCO, E., PLON, M. Dicionário de psicanálise. **Zahar**. Rio de Janeiro, RJ. 1997.

SILVA, R.R., O mito individual do Autismo. In: ROCHA, P. S. (org.). Autismos. 1997. 1. ed. São Paulo: **Editora Escuta**; Recife, PE: Centro de pesquisa em psicanálise e linguagem. vol. 1, 183 p.

SILVEIRA, C., BRANDÃO A., NORTON, I., et al. Saúde mental em estudantes do ensino superior experiência da consulta de psiquiatria do centro hospitalar São João. **Acta Med Port**. 2011; 24(S2): 247-256. Disponível em <<http://www.actamedicaportuguesa.com/>>. Acesso em 01/05/2019.

VORCARO, A., FERREIRA, T. Entre o capricho e o anonimato, quem são os pais de hoje?. Inn: VOLTOLINI. **Escuta**. 2014.